

# LEITURA E INTERPRETAÇÃO DOS FATOS HISTÓRICOS

Romário Barbosa da Silva<sup>1</sup>  
[romariosilva.silva16@gmail.com](mailto:romariosilva.silva16@gmail.com)

**RESUMO:** Neste artigo objetiva - se conhecer o modo como a História é vista pelos estudantes, identificar as dificuldades que se relacionam à falta de leitura e de escrita, apresentar como ocorre a visão clássica do ensino de História na prática de sala de aula. É possível conhecer os fatores que impedem um conhecimento ampliado sobre a disciplina, construindo para haver uma interpretação contrária aos fatos apresentados pela História, quando não há uma interpretação adequada no ato da leitura, fatores causados, por exemplo, pelo desânimo de estudar, pelos valores do senso comum concedidos pela sociedade, impedindo uma compreensão do estudo proposto pelo professor, num processo dialógico. Os dados para análise serão obtidos por meio de entrevistas com duas docentes, cuja análise terá as sustentações teóricas de Jenkins (2004), Fonseca (2004), Nikitiuk (2001), Martins (1996), Le Goff (1996).

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino. História. Interpretação.

## 1. Introdução

Neste artigo, aponto o que é a História e, bem como, a forma com que é interpretada no ensino, especialmente na Escola Estadual “Dep. Francisco Villanova” de Salto do Céu – MT. Para essa identificação, entrevistamos duas professoras, uma do ensino regular e outra do EJA – Educação de Jovens e Adultos, analisando a falta de interpretação inadequada dada pelo estereótipo em relação à compreensão dos fatos históricos. Dentro desta pesquisa, pretendo investigar os fatos que fazem com que os alunos tenham dificuldade de desenvolver o estudo da história, especificamente quando engloba a interdisciplinaridade, pois os métodos que procuram, é ler para decorar os pontos mais importantes.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de História da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat.

## 2. O que é História?

A origem da palavra história “vem do grego antigo *historie* [...]” (Para Le Goff. 1996. p. 17 apud Keuck. 1934). Segundo Le Goff (1996), esta palavra é derivada da forma indo-européia *wid-*, *weid*, ‘ver’, assim juntamente com o grego *histor* ‘testemunha’ forma-se ‘aquele que vê’.

Com estas constatações podemos compreender que a História foca-se em questionar e problematizar os homens, as coisas, o mundo, procurando responder perguntas e criar outras com o intuito de entender o lugar onde vivemos e que outras pessoas já viveram, analisando a evolução do modo de pensar, vestir e viver.

A concepção do que é História, não se baseia em só um conceito, mas se estabelece através do modo de ver individual, com isso, não existe uma verdade ou uma mentira do que ela seja desde que os argumentos sejam baseados em ideologias e métodos, fontes e provas.

Julgamos a “precisão” dos relatos de historiadores *vis-à-vis* as interpretações de outros historiadores, e não existe nenhuma narrativa, nenhuma história “verdadeira”, que, ao fim, nos possibilite confrontar todos os outros relatos com ela - isto é, não existe nenhum texto fundamentalmente “correto” do qual as outras interpretações sejam apenas variações; o que existe são meras variações (Jenkins. 2004. p. 32).

Com as interpretações, os historiadores procuram chegar o mais próximo possível da realidade, fazendo com que seus objetivos atinjam além daquilo que é esperado, e todas estas circunstâncias são alvo de deformações, ou seja, desconstruir aquilo que já está imposto e estabelecer uma nova maneira de refletir sobre as coisas.

Não é possível relatar mais que uma fração do que já ocorreu, e o relato de um historiador nunca corresponde exatamente ao passado: o simples volume desse último invisibiliza a história total. A maior parte das informações sobre o passado nunca foi registrada, e a maior parte do que permaneceu é fugaz (Jenkins. 2004. p. 31).

E todos estes processos, acontecem através da ideologia e dos métodos utilizados por cada historiador. A ideologia é processada quando o profissional esta

adquirindo métodos. Jenkins (2004) aponta que a interpretação é determinada principalmente através da ideologia que está acima do método e das provas.

### **3. A História e o passado**

Por estudar o passado dentro da história, existe uma grande dificuldade em denominá-los como elementos distintos, pois a sociedade está concentrada na ideia de que História é para lembrar os tempos que se passaram e constroem uma História superficial que acaba sendo estereotipada. Le Goff (1996) afirma que “a distinção entre passado e presente é essencial da concepção do tempo” podemos analisar também que “a história como discurso está, portanto, numa categoria diferente daquela sobre a qual discursa. Ou seja, passado e história são coisas diferentes” (JENKINS. 2004. p. 24).

O conteúdo de História não é o passado, mas o tempo ou, mais exatamente, os procedimentos de análise e os conceitos capazes de levar em conta o movimento das sociedades, de compreender seus mecanismos, reconstituir seus processos e comparar suas evoluções (Nikitiuk. 2001. p. 16)

A função que a História tem em relação ao passado é tentar entender a nossa sociedade hoje, segundo Jenkins (2004) existe uma fragilidade quando se trata da teoria do conhecimento, a epistemologia, e os fatos que causam este efeito estão ligados ao passado que não pode ser limitado nem recuperado e assim, obedecem às interpretações, que fazem com que a História seja parcial, seguindo este pensamento o passado não pode ser resgatado.

### **4. História e Memória**

Todo mundo costuma guardar na memória tudo aquilo que é considerado importante, de acordo com Le Goff (1996) a memória é uma propriedade que conserva informações, nos remetendo a um conjunto de funções psíquicas, assim podemos atualizar informações passadas ou que representamos passadas. Isto significa que a memória é um importante aliado das pessoas e da História.

A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval. Eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (Le Goff. 1996. p. 475).

A memória acaba sendo um importante fator para o ser humano, constantemente a utilizamos propositalmente ou não, além de tudo é essencial para a História que é ensinada em divisão, sendo assim melhor compreendida, já que a memória não absorve tudo de uma só vez.

Quando digo que faço curso de História algumas pessoas dizem: “nossa... esse povo tem gosto pra tudo”. Acontece que vêm a História como algo a parte, como se não estivessem dentro dela, mesmo fazendo parte, grande maioria da sociedade não tem a concepção disso, e por consequência, a História acaba possuindo menos importância.

## **5. A História na escola**

Diante da concepção do que sejam os estudos históricos, este artigo visa analisar o desenvolvimento dos alunos da Escola Estadual “Dep. Francisco Villanova” em Salto do Céu, através de um pequeno questionário, envolvendo duas professoras, uma do ensino regular e outra do EJA. A professora do ensino regular respondeu as perguntas como modo de entrevista, já a do EJA, digitou as respostas. Esta análise foi feita através de três perguntas:

- **Qual a perspectiva dos alunos em relação à História? Demonstrem interesse?**

É possível verificar através das respostas das professoras, que tanto nos alunos do EJA quanto nos de ensino regular, a perspectiva em relação aos estudos históricos é linear, de forma que o aspecto dominante é a reprodução. Mostram a ausência de

elementos interpretativos, apesar disso, são visíveis os interesses sobre a disciplina, principalmente em cenários de guerras e acontecimentos históricos do Brasil.

Isso mostra que a História não é vista pelo lado filosófico, e sim pelo lado de conteúdo sólido e concreto, usam o nome da disciplina de forma literal e não costumam usar o senso crítico. A História nos dá vários caminhos a percorrer, nós escolhemos qual queremos.

Às vezes nem mesmo o professor, habituado como está a repetir o mesmo assunto em diferentes turmas, se dá conta de que o caminho discursivo que segue é apenas um dentre diferentes alternativas possíveis de serem trilhadas (Nikitiuk. 2001. p. 47).

### ➤ **Quais as dificuldades?**

A falta de interdisciplinaridade dificulta o desenvolvimento do trabalho escolar, expondo a falta de leitura e de escrita dos estudantes, que mesmo estimuladas pelo professor, não obtiveram resultados, pois, quando se obtêm leitura, o conhecimento aumenta fazendo com que as idéias sejam criadas e aprofundadas, mas, na realidade não aprenderam a ler obtendo a necessidade do saber que exige concentração mental.

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições ao educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (Martins. 1996. p. 34).

A História, para ser desenvolvida, necessita de vários campos de conhecimentos, pois, sozinha não teria como provar e nem ter fontes para se manter, assim se liga à Psicologia, Filosofia, Geografia, Sociologia, Arqueologia, Antropologia entre outros. Assim também deve ser o aluno, através de suas fontes conseguirá se desenvolver e estimular seus pensamentos, ampliando seus aspectos críticos obtendo a interpretação com disponibilidade.

### ➤ **Conhecem a História como reprodução ou interpretação?**

Por estar ligada à reprodução, a concepção de novos caminhos é fragilizada, principalmente porque a interpretação e o senso crítico são pequenos e a dependência de livros didáticos é grande. Podemos apontar que a fragilização da História dentro da sala

de aula, é a questão da falta de conhecimento, até porque a História não é vista como elemento além de uma disciplina escolar, “a busca por uma definição de disciplina escolar é um passo importante na elaboração de uma análise da construção da História como disciplina na escola” (Fonseca. 2004. p. 15) que não recebe a visão de algo do cotidiano, mas de acontecimentos obsoletos que só serve para reproduzir o que aconteceu no passado. Para tentar amenizar esta situação, a utilização de filmes, letras de músicas, artigos de revistas é fundamental, porém, a insegurança em opinar dos alunos é bastante visível.

Diante destes argumentos, podemos observar que o ensino sobre a História, segue uma linha de pensamento que não abre caminhos para uma nova forma de ver e dar sentidos às coisas, os livros didáticos apresentam interpretações de textos, mas estes não são feitos por um pensamento próprio, apenas seguem o raciocínio do autor sem qualquer reflexão intertextualizada. Por estes aspectos, muitos se sentem desanimados por achar monótono o conteúdo e tratam a disciplina como obrigação.

O que leva a reproduzir?

Por que a produção é restrita a alguns?

Por que leituras diferentes do mesmo produto?

Por que é tão difícil ensinar História?

Por que a História incomoda, aliena, revoluciona?

Qual o sentido da História? (Nikitiuk. 2001. p.21).

Além de todos os problemas de interpretação, alguns alunos apresentam valores que não permitem a mudança de pensamento em relação ao estudo da História, não assimilam a disciplina como algo que visa analisar os passos da sociedade em diferentes caminhos e argumentos, já que, para isso, é preciso problematizar e indagar sobre fatos que chegam a ser obtidos como polêmicos. Sendo assim, não conseguem se relacionar com a História e nem aceitar o que esta propõe.

[...] o problema surge quando diferentes pessoas, grupos e classes perguntam: “O que a história significa para mim ou para nós e de que modo se pode usar ou abusar dela?” É então, no campo dos usos e significados, que a história fica tão problemática (Jenkins. 2004. p. 52).

Na parte filosófica, a História se mostra inexata, os pós-modernos, para Jenkins (2004), não enxergam nada como fixo ou sólido e acreditam que seja esta questão que faz as pessoas terem uma simples visão sobre História.

A história é na verdade o reino do inexato. Esta descoberta não é inútil; justifica o historiador. Justifica todas as suas incertezas. O método histórico só pode ser um método inexato... A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tornar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lenda histórica (Para Le Goff. 1996. p. 21 apud Ricoeur. 1961. p. 226).

Geralmente, os alunos só se interessam pela história quando o “H” é minúsculo, sendo esta, a história de sua vida ou pela história narrativa, pois estas são aplicadas desde a infância e sempre são vistas com naturalidade.

## **6. Considerações finais**

Após todos os argumentos apresentados anteriormente, podemos observar que a História não possui uma única forma de ser conceituada para que seja aprendida no contexto escolarizado. A História passa por diferentes pensamentos e interpretações e, é justamente isso que a mantém viva, pois todos nós fazemos parte dela e por termos pensamentos diferentes de outras sociedades, compreendemos os infinitos fatos a serem explicados, porém, é impossível descobrir todos os segredos do mundo, a verdade absoluta não existe, e por isso que a História se desenvolvendo na interdisciplinaridade com as diversas disciplinas, fazendo com que todos os elementos sejam absorvidos e desconstruídos de acordo com a necessidade.

No entanto, muitos educadores têm dificuldades para ensinar os alunos a interpretar os fatos históricos, assim, conhecem apenas o que os historiadores produziram sobre o passado e acreditam naquilo como verdade. Em relação aos alunos, constatamos que a evolução dos mesmos, é super dependente dos professores, muitas vezes nem com esta influência destes conseguem compreender o conhecimento presente nos fatos vivenciados pela humanidade. Assim sendo, as críticas construtivas são defeituosas, fazendo com que os alunos mantenham uma noção estreita sobre o que estudam.

De modo geral, a História passa por dificuldade, em ser vista de forma relacionada com outras disciplinas, geralmente, os historiadores também não são enxergados na sociedade como formadores de senso crítico que possibilitam novas interpretações da história contada e recontada, especialmente nos livros didáticos.

## **7. Referências bibliográficas**

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. História & ensino de História. 2ª Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KEITH, Jenkins. A História Repensada. 2ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4ª Ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996

MARTINS, Maria Helena. O que é Leitura. 2ª Ed. – Brasiliense, 1996

NIKITIUK, Sônia L. Repensando o Ensino de História. 4ª Ed. São Paulo, Cortez, 2001